

O Museu da Diversidade Sexual

Um lugar de lutas, memórias, dissidências e comunidades

The Museu da Diversidade Sexual: a place of advocacy, memories, dissent and communities

Recebido em: 24/10/2023

Aprovado em: 09/02/2024

Marisa Bueno e Souza

Leila Cristina Antero Cordeiro

Khadyg Leite Fares Cavalheiro

[Sobre as autoras >>](#)

RESUMO

O Museu da Diversidade Sexual (MDS) se estabeleceu não somente por carregar as pautas dos movimentos LGBTQIA+ em sua essência, mas também por se comprometer com suas comunidades a partir da busca de uma reconfiguração de suas narrativas em um novo olhar interseccional e decolonial. Em vias de reabrir ao público com uma nova configuração, o artigo busca trazer o histórico institucional de quais ferramentas e processos auxiliaram nesse percurso, desde sua criação até as vésperas de sua abertura no espaço ampliado da estação República do metrô na cidade de São Paulo, com uma nova exposição de média duração denominada *Pajubá: a hora e a vez do close*, além da temporária *Artes dissidentes: o céu que brilha no chão*.

Palavras-chave: Museu da Diversidade Sexual; museu comunitário; LGBTQIA+; comunidades; memória.

ABSTRACT

The Museu da Diversidade Sexual (MDS) established not only for carrying the agenda of the LGBTQIA+ movement in its essence, but also for committing to its community through the search for a reconfiguration of its narratives in a new intersectional and decolonial perspective. About to reopen to the public with a new configuration, the article seeks the institutional history of which tools and processes helped in this process; from its creation until the eve of its opening in the expanded space at República station of São Paulo Metrô, with a new medium-length exhibition called *Pajubá: the time and turn to slay*, and beyond the temporary *Artes dissidentes: the sky that shines on the ground*.

Keywords: Museu da Diversidade Sexual; community museum; LGBTQIA+; communities; memoirs.



Introdução

O Museu da Diversidade Sexual (MDS) se estabeleceu até então¹ não somente por carregar as pautas do movimento LGBTQIA+² em sua essência – e desta forma questionar o *establishment* marcado pela cis-heteronormatividade e combater preconceitos vigentes que ampliam desigualdades e injustiças sociais –, mas também por trabalhar sua programação a partir de uma visão interseccional e decolonial. O museu atua em prol de uma melhor qualidade de vida em suas comunidades e do fortalecimento da coesão social, a partir da “utilização do poder da memória, do patrimônio e do museu a favor das comunidades populares, dos povos indígenas e quilombolas, dos movimentos sociais”.³

O MDS nasce a partir do desejo de parte das comunidades que hoje conhecemos como LGBTQIA+ em tornar protagonistas os corpos dissidentes no período de reabertura política no Brasil e, posteriormente, preservar as memórias que se perderam a partir da epidemia de HIV/AIDS.⁴ Neste contexto, inicia-se uma organização das comunidades em busca da extroversão desse protagonismo.

A Sociomuseologia marca a urgência de desconstrução das narrativas dos museus normativos e fomenta a formação de instituições comunitárias na América Latina como um todo. Ainda assim, mesmo com o início das discussões no campo há mais de cinquenta anos,⁵ os grandes museus no cenário nacional ainda não buscaram a inflexão de seus discursos de forma realmente interseccional e decolo-

¹ Todas as ações presentes neste artigo representam a realidade do Museu da Diversidade Sexual até dezembro de 2023. Portanto, não se estendem nem consideram as ações posteriores a essa data.

² Adotou-se, ao longo do artigo, o uso da sigla LGBTQIA+ por esta se encontrar em uso nas políticas públicas do governo federal, inclusive na Secretaria Nacional dos Direitos das Pessoas LGBTQIA+. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/lgbt>. Acesso: 19 mar. 2024.

³ CHAGAS, Mário; GOUVEIA, Inês. Museologia social: reflexões e práticas (à guisa de apresentação). *Cadernos do CEOM*, ano 27, n. 41, p. 9-22, 2014. Museologia Social.

⁴ LOPES, Thainá Castro Costa F.; PADILHA, Renata Cardozo; LADEIA, Mayara Lacal Cunha. Acervo e diversidade: em busca de novas metodologias de gestão de acervos. *Cadernos de Sociomuseologia*, v. 61, n. 17, p. 67-84, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.36572/csm.2021.vol.61.03>. Acesso em: 15 out. 2023.

⁵ Ver: MOUTINHO, Mário. Definição evolutiva de Sociomuseologia: proposta para reflexão. *Cadernos de Sociomuseologia*, Lisboa, v. 28, n. 28, 2007. Actas do XII Atelier Internacional do MINOM.

nial.⁶ Neste sentido, o movimento é puxado principalmente por instituições novas que são criadas nesse período e que já nascem com um significativo porte estrutural e orçamentário para a realização de suas atividades. Tais iniciativas obtêm êxito por atuarem junto às suas comunidades⁷ com a mesma responsabilidade e engajamento dos museus comunitários⁸ que, apesar do menor orçamento e estrutura, realizavam seus projetos com maior comprometimento, participação e autonomia de suas comunidades até então.

No caso do MDS, apesar de contemporâneo a essas experiências e de carregar parte das diretrizes de um museu comunitário⁹ – atuando como um espaço de acolhimento e sendo administrado por pessoas LGBTQIA+¹⁰ –, realizando um importante trabalho ao longo dos anos, é possível observar que há lacunas na construção de seu acervo e nas narrativas apresentadas em suas exposições até então prioritariamente brancas e cisnormativas.¹¹ Essa afirma-

⁶ VERGÉS, Françoise. *Descolonizar o museu: programa de desordem absoluta*. Trad: Mariana Exalar. São Paulo: Ubu, 2323.

⁷ O Museu de Arte do Rio (MAR) possui desde 2013 um programa de escuta ativa de sua comunidade que merece relativo destaque entre as demais instituições museológicas públicas de grande porte. O programa Vizinhos do MAR, por exemplo, chegou a ter mais de mil inscritos que se reuniam mensalmente com os colaboradores do museu para apresentar a programação e colher sugestões.

⁸ O programa chegou a produzir inclusive algumas exposições sobre artistas da própria comunidade, como em *A pequena África* e o *Mar de Tia Lúcia* em 2018. Ver: SOUZA, Marisa Bueno e. *Gerenciamento de projetos no Museu de Arte do Rio (2021)*. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/D.103.2021.tde-22032023-081906>. Acesso em: 17 maio 2024.

⁹ BOITA, Tony; BAPTISTA, Jean T.; WICHERS, Camila A. de Moraes. LGBT Memory Project: A 'Queer of Colour Critique' Approach in Latin America and Caribbean Museums. *Museum International*, v. 72, n. 3-4, p. 188-199, 2020.

¹⁰ BOITA; BAPTISTA; WICHERS, 2020. *Op. cit.*

¹¹ O Seminário Museu da Diversidade Sexual, realizado após o novo contrato de gestão do MDS, em 2022, foi a primeira iniciativa de escuta das comunidades. Ao longo da mesa "Memória e patrimônio LGBTQIA+ e interseccionalidades", que contou com a participação de Leonardo Arouca, Kido Panontim, Helcio Beuclair, Yuri Fraccaroli e Luca Fuser, por diversos momentos foi apresentada a insatisfação em relação a como o museu por muitos anos focou sua programação e seus acervos na produção de conteúdos voltados para o mesmo fenótipo de pessoas brancas, como afirmam Yuri e Helcio em seus depoimentos: "[...] já está todo mundo cansado de toda vez se reunir para estar contando sempre a mesma história institucional, de um ou dois grupos políticos, sendo que isso é um recorte muito específico" (Yuri Fraccaroli). Helcio Beuclair afirmou ainda que seria importante haver novas vozes "para que a gente [se] aproxime cada vez mais da massa, que é quem mais importa ter acesso à educação, à história e [possa] aprender a contar a própria história. Porque até agora somente os brancos têm feito isso". O vídeo do evento está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9xcWFH2CSMA>. Acesso em: 20 nov. 2024.

ção ficou registrada tanto nas mesas promovidas no Seminário Museu da Diversidade Sexual realizado em parceria com o Sesc,¹² como nas consultorias e discussões realizadas objetivando o diagnóstico do plano museológico.¹³ O que se propôs, então, foi uma leitura descolonial, decolonial e interseccional para a programação e o acervo do MDS, a qual pressupõe um olhar crítico aos estereótipos elitistas estabelecidos na nossa sociedade patriarcal referencialmente eurocêntrica, visando uma sociedade que dê visibilidade às demais populações que compõem a sigla. Essa representatividade tem aumentado ao mesmo tempo que a sigla se amplia, de forma que o MDS também busca essa amplificação de representatividade na preservação das memórias LGBTQIA+.

Nos últimos anos, o MDS apresentou uma série de mudanças que visam cada vez mais ser um espaço não somente democrático, como sempre o foi, mas também um local onde o foco primordial seja a construção de uma sociedade menos preconceituosa e menos violenta, onde as pessoas para quem ele direciona suas narrativas estejam contempladas de forma ampla, priorizando as pessoas em maior vulnerabilidade social – as mais prejudicadas dentro da realidade cis-heteronormativa.

No que tange à sua gestão, o MDS é um museu público pertencente à Secretaria de Cultura, Economia e Indústrias Criativas do Estado de São Paulo (SCEIC), constituído pelo Decreto Estadual no 58.075, de 25 de maio de 2012. O MDS foi criado com o nome oficial de Centro de Cultura, Memória e Estudos da Diversidade Sexual. Como sinalizado por Lopes e Padilha,¹⁴ essa escolha reflete nuances de preconceito relacionados à temática. Outro exemplo de instituição cujo objetivo é a preservação de memórias de corpos dissidentes, mas que

¹² Foram dois dias de seminário com a participação de diversas representatividades LGBTQIA+. A programação encontra-se disponível em: <https://centrodepesquisaeformacao.sescsp.org.br/atividade/presencial-seminario-museu-da-diversidade-sexual-a-escuta-e-a-construcao-de-novos-caminhos#:~:text=Da%20experi%C3%Aancia%20do%20Museu%20da,culturais%20em%20intersec%C3%A7%C3%A3o%20com%20a>. Acesso em: 20 nov. 2024.

¹³ Ao longo do processo de realização do plano museológico para o MDS, foram contratadas consultorias de especialistas em Museologia LGBT, como Inês Gouveia e Jean Baptista.

¹⁴ Segundo as autoras, “a escolha de se criar um centro de cultura e não um museu por parte da secretaria reflete as nuances do preconceito relacionado à temática”. LOPES; PADILHA; LADEIA, *op. cit.*, p. 72.

surge como memorial, é o Museu da Inclusão,¹⁵ o que nos leva a questionar o porquê de corpos que não representam aquilo que se julga como normatividade não poderem estar em instituições legalmente determinadas como “museus” dedicados a suas especificidades.

Contudo, o MDS nunca foi apresentado ao público como centro cultural, sendo utilizada sempre a terminologia “museu” em sua fachada, site e materiais informativos. Ainda segundo Lopes e Padilha, Franco Reinaudo, diretor ao longo dos quase dez primeiros anos do museu, *sinaliza* que, dada a vontade da comunidade de que o MDS se fizesse *museu* urgentemente, foi utilizada esta estratégia para “firmar seu lugar e sua identidade na capital paulista”.¹⁶

Ao longo desses anos, o museu passou por diversos ajustes até chegar a seu formato atual. Além da escolha de sua nomenclatura oficial ser distinta da utilizada junto ao público conforme já citado, a instituição foi alocada dentro da Unidade de Difusão, Bibliotecas e Leitura (UDBL) da Secretaria de Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo (SCEIC). Esse fato, associado àquele já mencionado sobre não ser oficialmente declarado como museu, a despeito dos anseios da sociedade, acarretam alguns desdobramentos, principalmente no que diz respeito à execução de processos museológicos que não foram estabelecidos até então. O fato de ser um centro de memória dentro de uma unidade que trabalha seus processos em uma lógica bibliográfica resultou em incorreções em relação ao ideal no que tange à catalogação de seus acervos museográficos.

Independentemente de sua formação e configuração estrutural de gestão, não são fatos que minimizam sua relevância, tampouco o marco que foi a criação de um museu com essa temática na cidade de São Paulo. Desde sua criação, o MDS passa a ser um importante ponto de referência, engajamento e, principalmente, de acolhimento da população LGBTQIA+ na cidade – para tal, não have-

¹⁵ Ainda que a instituição tenha sido aberta ao público no dia 3 de dezembro de 2009, ela foi formalizada oficialmente como Memorial da Inclusão somente em 5 de dezembro de 2018 por meio do Decreto nº 63.892. Somente em 15 de outubro de 2021 que é oficializado o Museu da Inclusão por meio do Decreto nº 66.133.

¹⁶ LOPES; PADILHA; LADEIA, *op. cit.*

ria um ponto mais representativo dessas ações do que o bairro do Arouche, região marcada por uma ocupação predominantemente LGBTQIA+ desde o início do século.¹⁷ O museu foi então instalado dentro da estação República do metrô (Companhia do Metropolitan de São Paulo).

Ao longo desses mais de dez anos, o museu apresentou uma vasta programação com relevantes exposições, como *Devassos no Paraíso: o Brasil mostra a sua cara* (2019), com curadoria de João Silvério Trevisan, inspirada em seu livro de mesmo nome; e *Orgulho e resistências: LGBT na Ditadura* (2020), que trouxe um recorte sobre as relações entre autoritarismo e diversidade sexual e de gênero ao longo dos anos de ditadura civil-militar no Brasil, realizada em parceria com o Memorial da Resistência. Além das exposições, foram realizadas mostras de editais com jovens artistas, itinerâncias das exposições pelo interior, além da programação virtual, que teve um dos maiores públicos entre os museus no período da pandemia do covid-19.¹⁸

Nesse período foi também idealizado um dos projetos de ampliação mais ambiciosos para o museu. A mudança de sua sede da estação República para a Residência Joaquim Franco de Melo, localizada na Avenida Paulista, número 1919. Trata-se de uma edificação de 1905, em estilo eclético, construída para abrigar uma família pertencente à elite cafeeira paulista. Além disso, ela carrega um longo histórico de disputas que resultaram em um processo de abandono e deterioração do imóvel que se estende até os dias de hoje.¹⁹ O projeto para que o MDS ocupasse o casarão, apesar de nunca ter se

¹⁷ ALBUQUERQUE, Flávia. Centro de Referência LGBT é inaugurado em São Paulo. Agência Brasil. São Paulo, 27 mar. 2015. Disponível em: <https://agenciabrasil.etc.com.br/direitos-humanos/noticia/2015-03/centro-de-referencia-lgbt-e-inaugurado-em-sao-paulo>. Acesso em: 19 mar. 2024.

¹⁸ SCHLINDWEIN, Manoel. Museu da Diversidade Sexual vira fenômeno de público em 2020. *Veja*, 28 jan. 2021. Caderno de Cultura. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/radar/museu-da-diversidade-sexual-vira-phenomeno-de-publico-em-2020>.

¹⁹ RESIDÊNCIA Joaquim Franco de Melo. In: *Wikipédia, a enciclopédia livre*. São Paulo, 2023. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Resid%C3%Aancia_Joaquim_Franco_de_Melo. Acesso em: 19 mar. 2024.

efetivado, foi amplamente divulgado²⁰ e, até o momento de seu cancelamento²¹ passou por diversas etapas de desenvolvimento, como, por exemplo, a abertura de um edital para a definição do seu projeto arquitetônico,²² e o início de um projeto de construção da política de acervo em parceria com a Universidade Federal de Santa Catarina.²³ O projeto para que o MDS fosse deslocado para o casarão não foi acolhido de forma unânime entre a comunidade LGBTQIA+. Enquanto uma parte das representatividades argumentam sobre a importância de o museu ocupar o centro econômico paulista, onde anualmente ocorre a maior parada LGBTQIA+ da América Latina,²⁴ outras representações alegam que o museu deveria permanecer na região central, historicamente reconhecida como sendo de ocupação e de luta do movimento²⁵ - em especial por ser um local de resistência em grande parte formado por pessoas que se encontram em maior situação de vulnerabilidade social dentro da sigla, caso das travestis que vivenciam esse território há mais de sessenta anos. O projeto esteve temporariamente suspenso na época pelo governo estadual,²⁶

²⁰ CANALE, Felipe. O último casarão residencial da Avenida Paulista: Franco de Mello. *Catraca Livre*, 24 ago. 2016. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/o-ultimo-casarao-residencial-da-avenida-paulista-franco-de-mello/>.

²¹ ESTADO desiste de museu LGBT na Paulista e estuda conceder casarão. *Notícias R7*, São Paulo, 4 set. 2019. Disponível em: <https://noticias.r7.com/sao-paulo/estado-desiste-de-museu-lgbt-na-paulista-e-estuda-conceder-casarao-29062022/>. Acesso em: 19 mar. 2024.

²² A proposta selecionada foi a apresentada pelo escritório H+F, dos arquitetos Eduardo Ferroni e Pablo Heñerú. O resultado do concurso está disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/759162/primeiro-lugar-no-concurso-para-o-museu-da-diversidade-sexual-na-avenida-paulista-herenu-plus-ferroni-arquitetos>. Acesso em: 19 mar. 2024.

²³ LOPES; PADILHA; LADEIA, *op. cit.*

²⁴ No dia 29 de agosto de 2021, foi realizada uma manifestação em prol de que o Museu da Diversidade Sexual fosse deslocado para a Avenida Paulista. Cf.: <https://www.guiagaysao-paulo.com.br/noticias/cidadania/protesto-lgbt-pede-museu-da-diversidade-na-avenida-paulista>. Acesso em: 19 mar. 2024.

²⁵ De acordo com o Coletivo Arouchianos: “Retirar totalmente ou parcialmente o MDS [...] é uma violação grave (mais uma) contra a história, a cultura, a economia, às questões sociais e políticas que, conseqüentemente, foram construídas a partir da ocupação da região”. Disponível em: <https://www.facebook.com/Arouchianos/posts/2064049130420306>. Acesso em: 19 mar. 2024.

²⁶ MENGUE, Priscila. Estado desiste de museu LGBT na Paulista e estuda conceder casarão de 1905. *Estado de S. Paulo*, São Paulo, 4 set. 2019. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/sao-paulo/estado-desiste-de-museu-lgbt-na-paulista-e-estuda-conceder-casarao-de-1905/>. Acesso em: 19 mar. 2024.

sendo anunciado posteriormente como Museu da Ciência (2019),²⁷ Museu da Gastronomia (2021)²⁸ e, mais recentemente, foi divulgada a retomada do uso do imóvel pela pauta LGBTQIA+. Mas, dessa vez, como um Centro Internacional de Cultura da Diversidade,²⁹ o qual, pelos motivos já apontados acima, trata-se de um equipamento distinto e apartado de um museu.

Em 2018, a instituição passou oficialmente a ser reconhecida por decreto como “museu”. Em decorrência disso, foi realocada na Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico (UPPM) da SCEIC.³⁰ Dessa maneira, além de ter respeitada a especificidade do objeto em questão, visto que essa coordenação passa a ser cobrada para que sejam apresentados procedimentos museológicos de catalogação, também são incentivados e viabilizados a construção de uma rede museológica LGBTQIA+ junto ao Sistema Estadual de Museus (Sisem-SP). Além disso, estabelece-se como prerrogativa que os museus sob sua coordenação sejam integrantes ativos do Conselho Internacional de Museus (Icom) e do Conselho Regional de Museologia (Corem).

Em 2021, o museu passou por mais um ponto de ajuste, dessa vez em relação ao escopo relativo ao que até então era o formato de seu Contrato de Gestão 07/2016.³¹ Nele, o MDS é uma pequena parte

²⁷ CROQUER, Gabriel. Casarão centenário na Av. Paulista será transformado em museu. *Notícias R7*, São Paulo, 26 nov. 2019. Disponível em: <https://noticias.r7.com/sao-paulo/casarao-centenario-na-av-paulista-sera-transformado-em-museu-29062022/>. Acesso em: 19 mar. 2024.

²⁸ SVARICK, Leonardo. Palacete na Paulista: Casa histórica vai virar museu da gastronomia. *Band Jornalismo*, 3 ago. 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=aMG1_SAHxGs. Acesso em: 19 mar. 2024.

²⁹ VENCESLAU, Pedro, QUEIRÓZ, Gustavo. Tarcísio retoma projeto de centro da diversidade com foco LGBT+ em casarão de R\$ 200 mi na Paulista. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 1 mar. 2023. Disponível em: https://www.estadao.com.br/politica/tarcisio-retoma-projeto-de-centro-da-diversidade-com-foco-lgbt-em-casarao-de-r-200-mi-na-paulista/?utm_source=estadao:whatsapp&utm_medium=link. Acesso em: 19 mar. 2024.

³⁰ SÃO PAULO. *Decreto nº 63.375, de 4 de maio de 2018*. Altera a denominação e a área do Museu da Diversidade Sexual e dá providências correlatas. São Paulo: Assembleia Legislativa, 2018. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/2018/decreto-63375-04.05.2018.html>. Acesso em: 19 mar. 2024.

³¹ O Contrato de Gestão 07/2016, que pactua a parceria público privada entre a UPPM e a Associação Paulista de Amigos da Arte, apresenta o Plano de Trabalho vigente de 2018 a 2021. Disponível em: <https://amigosdaarte.org.br/contrato-de-gestao/>. Acesso em: 19 mar. 2024.

de um contrato maior, com muitos outros equipamentos e eventos culturais incluídos em seu escopo. Sob a gestão da Associação Paulista do Amigos da Arte (APAA),³² o museu compartilhava suas equipes com profissionais de outras instituições como o Teatro Sérgio Cardoso, a Virada Cultural e as Paradas LGBTQIA+ que ocorriam no interior do estado. Nesse formato, apesar do ganho relacionado à otimização das equipes, há uma perda em razão das especificidades e instrumentalização dos profissionais voltados para um universo museológico, em especial as que têm interface com os acervos e as exposições.

Sendo assim, é um avanço que, em 2021, a UPPM abra um novo edital com uma proposta exclusiva para que o museu tenha um contrato de gestão exclusivo, com uma verba maior para realização de suas ações e contratação de mão de obra especializada em todas as suas áreas – além da determinação para quintuplicar em área a unidade na estação República do metrô. O edital também trazia a demanda pela criação de outra unidade na região da Avenida Paulista para abrigar seus acervos, a equipe administrativa, o Centro de Referência e pequenas exposições.³³ O termo de referência, que apresentava as diretrizes para as propostas a serem divulgadas, assinalava a importância dada por parte da SCEIC e da UPPM para sugestões que apresentassem estratégias voltadas para o diálogo com as comunidades do território, além de centros de pesquisa e referência (CPR) que dialogassem com essas comunidades:

Os museus do Estado deverão ter o compromisso claro com o desenvolvimento local, de acordo com sua especificidade, elaborando estratégias de ação e integração, voltadas às comunidades do entorno, tais como o incentivo à economia criativa, programas de residência para formação de jovens como monitores culturais, programas de integração com os moradores, participação nas associações de bairro, entre outras.

³² Para mais informações, ver relatórios de transparência no portal da organização. Disponível em: <https://amigosdaarte.org.br/relatorios/?jsf=jet-engine:anuais&pagenum=2>. Acesso em: 20 nov. 2024.

³³ Convocação pública para o Museu da Diversidade Disponível em: <https://www.transparenciacultura.sp.gov.br/convocacao-publica-do-museu-da-diversidade-sexual-2022/>. Acesso em: 19 mar. 2024.

[...] problematizar e dialogar com as comunidades e instituições parceiras por meio destes CPR sobre temas tangenciais ao museu e típicos das atuais transformações da sociedade, tais como questões de gênero e etnia, imigrações de refugiados, direitos humanos, entre outras.³⁴

Após o edital ter sido lançado e as organizações sociais interessadas em participar terem entregado suas propostas, estas foram analisadas pelo conjunto de técnicos da UPPM e foi então selecionado o projeto mais bem pontuado, no caso o apresentado pela mesma Organização Social de Cultura (OSC) que esteve à frente da gestão do Museu de Arte do Rio (MAR) de 2012 a 2020,³⁵ o qual traz as experiências inéditas da Escola do Olhar³⁶ e do Programa de Vizinhos. Este, em especial, “visa promover a democracia cultural, o pertencimento e a apropriação do museu, de suas exposições e programas, pelos moradores da região, a partir do agenciamento coletivo de saberes, práticas e potencialidades do território”.³⁷ O programa, que passou a ser referência em ações junto à comunidade para diversos museus brasileiros, como o Museu da Língua Portuguesa (SP)³⁸ e o Museu do Amanhã (RJ),³⁹ também passará a existir nessa nova proposta dentro da programação do MDS.

O edital também previa o projeto de ampliação das estruturas físicas do museu. Dentro dessa configuração, o projeto foi elaborado, não por concurso, como fora feito anteriormente para a proposta na Avenida Paulista, mas pela parceria entre os técnicos

³⁴ Ver item a da Diretriz 1, p. 10. Disponível em: https://www.transparenciacultura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2022/07/Termo_de_Referencia_Resolucao_SC_n_35_2022_de_28_julho_2022.pdf. Acesso em: 19 mar. 2024.

³⁵ Além do Museu de Arte do Rio, o Instituto Odeon também esteve à frente da gestão do Theatro Municipal de São Paulo de 2017 a 2020.

³⁶ SOUZA, *op. cit.*

³⁷ MUSEU DE ARTE DO RIO. *Site*, 2023. In: <https://museudeartedorio.org.br/escola-do-olhar/vizinhos-do-mar/>.

³⁸ MUSEU da Língua Portuguesa de SP emite 657 carteirinhas do Programa de Vizinhos. *Rádio CBN*, 30 dez. 2021. Disponível em: <https://cbn.globoradio.globo.com/media/audio/362744/museu-da-lingua-portuguesa-de-sp-emite-657-carteir.htm>. Acesso em: 19 mar. 2024.

³⁹ MUSEU DO AMANHÃ. Programa de Vizinhos do Museu do Amanhã. *Site*, 2023. Disponível em: <https://museudoamanha.org.br/pt-br/content/programa-de-vizinhos-do-museu-do-amanh%C3%A3>. Acesso em: 19 mar. 2024.

do Metrô e os técnicos do Grupo de Projetos e Acompanhamento de Obras (GPAO) da SCEIC. O projeto desenhado traz diretrizes de segurança que reconfiguram algumas características que o museu apresentou até então e que ganharam o carisma da comunidade LGBTQIA+ ao longo dos anos. Uma das mais marcantes eram suas portas de vidro que resultava em um espaço expográfico transparente, no qual era possível apresentar o seu interior ao público passante do metrô, mesmo que estes não adentrassem em suas instalações. O novo projeto para a ampliação demandava o fechamento de todas as suas fachadas de forma hermética por uma determinação de segurança e adaptação às normas de incêndio do Metrô, com o qual museu estabelece uma relação de condomínio desde sua criação, e que baseia suas normativas em legislações vigentes desde os incêndios ocorridos na boate Kiss em 2013 e no Museu da Língua Portuguesa em 2015. Apesar de o fechamento da fachada em sua nova configuração ter sido, de certa maneira, mal recebida pela comunidade, foi feito um esforço por parte dos envolvidos no projeto para tornar a fachada um espaço ativo de conteúdos – com uma vitrine que trouxesse parte das exposições temporárias para o público passante e um desenho de superfície que pudesse ser utilizado para os conteúdos relacionados ao museu.

Inicialmente, o projeto teria início no segundo semestre de 2022; contudo, em 29 abril, a instituição recebeu uma liminar que determinava a suspensão dos recursos para o MDS, originada por uma ação de um deputado conservador que questionava os montantes referentes ao contrato, assim como a idoneidade da OSC e do chamamento público realizado.⁴⁰ Sem a liberação dos repasses, a Secretaria de Cultura optou pelo fechamento do museu até ser revertida a ação. Em 31 de agosto de 2022, o desembargador responsável pela análise dos agravos apresentados pela organização e pela PGE protocolou um acórdão que suspendia por unanimidade a liminar que inicialmente determinava pelo fechamento do museu. Cabe aqui trazer trechos relevantes da análise apresentada,

⁴⁰ CETRONE, Camila. Fechamento do Museu da Diversidade é “ato homofóbico explícito”. *Portal Ig, CQueer*, 18 ago. 2022. Disponível em: <https://queer.ig.com.br/2022-05-18/fechamento-museu-diversidade-sexual-sp-ato-homofobico.html>. Acesso em: 19 mar. 2024.

visando a contextualização e o grau de equívoco da liminar emitida em primeira instância:

[...] E em desfavor do peso inicialmente atribuído à pendência de valor cobrado pelo Município que não foi objeto de apropriação ou desvio pelo Instituto, sublinhe-se também militam as certidões negativas de débitos tributários (fls. 247/254 dos autos em questão) e a ausência de indicativos que o autor popular houvesse apresentado de questões semelhantes, relativas a outros contratos de gestão assumidos pelo Instituto, que há mais de década atua no setor cultural. (fls. 5461).

[...] O que se tem, por ora, é que não subsiste mais a contratação inicialmente impugnada pelo autor popular; que a celebração do novo contrato foi precedida de procedimento de convocação pública; que houve análise e avaliação técnica das propostas das entidades interessadas; que, para a execução do contrato, foram elaborados planos de atuação, de trabalho e orçamentário, a facilitar a respectiva fiscalização; e que a entidade contratada não foi considerada inidônea pelo único órgão da Administração que litiga com o Instituto e que não imputa a este apropriação ou desvio de recursos. (fls. 5462).⁴¹

O resultado explicita a falta de provas apresentada na ação e a fragilidade dos argumentos utilizados a favor da suspensão dos recursos, além da vulnerabilidade pela qual as instituições dissidentes e/ou identitárias passam em relação aos museus que carregam e reforçam o *status quo* social.

O projeto de ampliação foi então entregue à OSC no último quadrimestre de 2022, para que desse início à obra de ampliação. Atualmente, o museu encontra-se estruturalmente pronto e com a montagem da exposição de média duração em andamento. Assim, o novo MDS será apresentado ao público com suas novas instalações em breve.⁴²

⁴¹ TRIBUNAL DE JUSTIÇA. São Paulo. Agravo de instrumentonº 2100933-78.2022.8.26.0000 – Votonº 17503.2022. Acórdão. Disponível em: [https://assets-global.website-files.com/635bf-71213f8600bb7d935ef/63d96549f630475877dc2d24_AC%C3%93RD%C3%83O%20-%20%20revogada%20liminar%20MDS%20\(1\).pdf](https://assets-global.website-files.com/635bf-71213f8600bb7d935ef/63d96549f630475877dc2d24_AC%C3%93RD%C3%83O%20-%20%20revogada%20liminar%20MDS%20(1).pdf).

⁴² O Museu da Diversidade foi oficialmente reaberto em maio de 2024. Mais informações disponíveis em: <https://veja.abril.com.br/cultura/museu-da-diversidade-sexual-reabre-em-sp-com-historia-de-lingua-travesti>. Acesso em: 20 nov. 2024.

Mesmo com o espaço do MDS na República atualmente em obras, o museu mantém suas atividades em andamento seja com exposições em plataformas *online*, seja em seu novo espaço na Avenida São Luís, inaugurado em agosto de 2023. Esse espaço reúne as atividades que a princípio o edital de chamamento estipulou que ocorreriam na região da Avenida Paulista – o Centro de Referência e Empreendedorismo, além da Reserva Técnica. Por uma nova determinação da SCEIC oficializada no primeiro trimestre de 2023, essas atividades do museu deveriam, a partir de então, ser centralizadas na região da República.

Estruturação museológica e construção coletiva da memória LGBTQIA+

Muitos eram os desafios da nova gestão ao assumir o Museu da Diversidade Sexual no início do ano de 2022. Podemos citar a necessidade de estabelecimento de procedimentos e normas que estivessem de acordo com as metas previstas no Contrato de Gestão 05/2022, bem como a necessidade de seguir as diretrizes museológicas vigentes nacional e internacionalmente, a partir da formalização da instituição como equipamento museológico em 2018 e da incorporação do MDS à UPPM, como dito anteriormente.

Contudo, uma necessidade imediata era a de ouvir a comunidade para saber quais eram suas expectativas perante a nova gestão do Museu da Diversidade Sexual, e quais as ações necessárias para tornar a instituição mais diversa e representativa diante dos desafios sociais enfrentados pelas comunidades LGBTQIA+, partindo do entorno do museu para um cenário mais macro (níveis estadual e nacional).

Além do estabelecimento de políticas normatizadoras e do objetivo de ouvir as comunidades, era imprescindível a formação de uma equipe técnica especializada em cada uma das áreas que compõe a cadeia operatória da museologia, assim como nas áreas administrativa e de recursos humanos. Trazendo à pauta a especificidade do MDS, é essencial que se levante a preocupação com a contratação dessa equipe, que passou a ser pautada pela inclusão

de representantes da sigla em todas as suas áreas – além da consideração de outras interseccionalidades,⁴³ como raça, etnia e classe na seleção dos colaboradores. Visto que, no modelo de contrato anterior, as áreas-meio eram compartilhadas com outros equipamentos, somente a partir do novo modelo de contrato, direcionado unicamente ao museu, foi possível ter a compreensão real da sua representatividade na equipe, que mantém uma média global sempre acima de 70% de colaboradores declaradamente pertencentes à comunidade LGBTQIA+.

Em função do seu histórico de formação – já mencionado neste artigo –, o MDS não tinha até então formalizado seu processo documental e suas estruturas museológicas. Ou seja, importantes diretrizes, como o plano museológico e a política de acervo, ainda não haviam sido oficializados naquele momento.

Dessa forma, entre os muitos desafios do início da nova gestão, estava a definição desses processos. Conforme apresentado pela museóloga Leila Antero, o primeiro passo foi elaborar o arrolamento do acervo e realizar uma pesquisa nos documentos de memória institucional do Museu da Diversidade, de modo que se pudesse compreender a formação do cenário da instituição ao longo de seus quase dez anos de existência.⁴⁴ Durante esse período de arrolamento e diagnóstico, foi possível observar a necessidade de ampliar a diversidade e representatividade das comunidades LGBTQIA+, tanto nos artistas presentes no acervo, quanto nas representações de suas produções. Contudo, essa é uma ação que terá que ser empreendida no decorrer deste e dos próximos anos, por se tratar de um processo contínuo e que deverá ser constantemente revisitado e repensado com o objetivo de alcançar uma diversidade cada vez mais abrangente.

⁴³ Assim como é apresentado por Crenshaw (2012), para além da necessidade de se pensar ações de inclusões para gênero, raça – neste artigo incluímos sexualidade – é imprescindível que sejam pensadas sobreposições nessas políticas que permitam o acesso de todos de forma interseccional.

⁴⁴ CORDEIRO, Leila Cristina Antero. De centro de cultura, memória e Estudos a Museu: concepção do acervo do Museu da Diversidade Sexual. In: VIEIRA, Leonardo (org.). *Acervos e referências de memória LGBTQIAP+*. São Paulo: Museu da Diversidade Sexual, 2023.

Sendo assim, como uma das estratégias mais urgentes e visando a ampliação de diversidade e representatividades tanto no acervo quanto em todos os outros setores do museu estava a realização de um seminário de escuta junto a representantes da comunidade e com instituições voltadas para o público LGBTQIA+ e pesquisadores da área.

Para isso, foi realizado, em parceria com o CPF SESC e com o patrocínio da Organização dos Estados Ibero-Americanos (OEI Brasil), o seminário “Museu da Diversidade Sexual: escuta e construção de novos caminhos”, que ocorreu nos dias 9 e 10 de março de 2022.

Essa ação foi importante tanto para o público externo quanto para o público interno do museu, já que também contou com a participação do então diretor da Associação Paulista de Amigos da Arte (APAA) e falas de ex-colaboradores do Museu da Diversidade, momento em que foi possível vislumbrar os processos empreendidos no museu até aquele momento. Foi possível também contar com a participação de membros da Secretaria de Cultura, Economia e Indústrias Criativas.

As mesas trouxeram ainda a participação de nomes importantes da Museologia, integrantes de coletivos e ativistas LGBTQIA+ da região do Arouche, com discussões acerca da representatividade de memórias das comunidades no acervo do museu, do empreendedorismo, da educação museal, do Museu da Diversidade como espaço de acolhimento e do espaço “Artes dissidentes e práticas artístico-culturais LGBTQIA+ na construção de reconhecimento, territorialidades e memória”.⁴⁵

Dentre tantos frutos semeados nessa ação, assim como em eventos subsequentes, podemos destacar a reaproximação do museu com coletivos de suma importância para a região do Arouche e para resistência de corpos LGBTQIA+, tais como: o coletivo Aroucheanxs (por meio da pessoa de Hércio Beuclair); a família Stronger (Elvis Stronger); o Acervo Bajubá (Yuri Fraccaroli); a Rede LGBT de Memó-

⁴⁵ CENTRO DE PESQUISA E FORMAÇÃO. *Seminário Museu da Diversidade Sexual: a escuta e a construção de novos caminhos*. SESC. São Paulo, 2022. Presencial. Disponível em: <https://centrodepesquisaeformacao.sescsp.org.br/atividade/presencial-seminario-museu-da-diversidade-sexual-a-escuta-e-a-construcao-de-novos-caminhos>. Acesso em: 19 out. 2023.

ria e Museologia Social (Mauricio André da Silva); a Casa do Povo (Mônica Novaes Esmanhotto); a Câmara de Comércio LGBT (Ricardo Gomes); a Mais Diversidade (Diogo Rodrigues); e a Associação Eternamente SOU (Luis Baron). Também foram realizadas conversas com o Arquivo Lésbico Brasileiro, o Museu Bajubá, o Coletivo Acuenda, o Slam das Minas, o Instituto + Diversidade, o LGBTQIA+ Regional, o Vote LGBT, a *Revista Alternativa L*, o Cine Sapatão, o Grupo Mexa, o Coletivo Revolta da Lâmpada, o Espaço Esponja, dentre outros. Essa troca se mostra enriquecedora uma vez que tais coletivos e espaços são representativos contemporâneos da memória de resistência dos corpos que fogem do padrão cis-heteronormativo.

Durante os dois dias de seminário, foram, ao todo, seis mesas, que contaram com mais de quarenta participantes entre ativistas, ex-funcionários, agentes do território, representantes do poder público, artistas e representações LGBTQIA+ em geral, escolhidos de acordo com as formas de atuação do museu, e resultou em mais de doze horas de material bruto documental.

Dessa forma, o passo seguinte foi estruturar as principais ações e documentos que resguardassem a preservação da memória das comunidades LGBTQIA+ por meio de seu patrimônio. Nesse processo foram estabelecidos os procedimentos de guarda, aquisição, catalogação e descarte⁴⁶ do acervo,⁴⁷ a política de exposições, manuais diversos, padronizações e regimentos para arquivos digitais e nato-digitais, *facilities reports*, implementação de *softwares* de gestão financeira e de contratos e, claro, o plano museológico e o planejamento estratégico para os próximos dois anos.

Novamente, entendendo o museu como uma instituição para a comunidade, e feita pela comunidade, optou-se por um plano museológico idealizado e organizado pela própria equipe do museu, que dis-

⁴⁶ Para elaboração dos procedimentos primários foi utilizado como referência o Spectrum 4.0 e as resoluções da Secretaria de Cultura, Economia e Indústrias Criativas e ainda foram criados modelos de matrizes documentais para os principais processos de processamento de acervo.

⁴⁷ Entre os desdobramentos do seminário, no setor de Museologia e Acervo, se deu a elaboração da Política de Gestão de Acervos junto aos programas de Museologia, Pesquisa e Educação para Diversidade do Museu. A parte conceitual trouxe o diagnóstico de formação do museu, do acervo e um panorama da Museologia LGBT.

pendeu longas horas de seus dias em reuniões coletivas para discutir que rumos o museu deveria tomar. Esse processo se mostrou muito rico, pois os colaboradores das áreas meio puderam ter uma visão mais clara dos processos museológicos, participando ativamente das discussões durante a análise SWOT⁴⁸ de todos os programas do museu.

Outro ponto de extrema relevância que se deu de forma colaborativa foram as discussões referentes às atualizações da missão, da visão e dos valores do museu para que possam representar a instituição, assim como as comunidades LGBTQIA+ diante das especificidades e desafios sociais enfrentados no presente.

Nessas ações, além da comunidade interna do museu, foi possível contar com a participação de profissionais de referência da Museologia LGBT para o plano conceitual, e com profissionais altamente gabaritados em áreas como documentação museológica, socioambiental, gestão de riscos, acessibilidade e pesquisa de público. Essas consultorias geraram relatórios que auxiliaram na escrita dos diagnósticos e dos planos estratégicos dos programas para o plano museológico.

A pesquisa de público realizada pela empresa Acesa_ Arte e Cultura contou com a participação de 342 entrevistas realizadas entre os dias 18 e 28 de julho de 2023 em dez pontos dos arredores do Museu da Diversidade Sexual. Foram levantados indicadores socioeconômicos, étnicos e culturais, além da percepção e anseios do público em relação ao Museu da Diversidade e sua ampliação.

Das pessoas entrevistadas, 79% afirmaram nunca terem visitado o museu, e 49% apontaram a falta de tempo como o maior impeditivo. Diante dessa realidade, é possível observar o desafio enfrentado pelo MDS de alcançar um percentual maior do público em seu entorno, enfrentando obstáculos sociais.

Para além da pesquisa de público, durante o processo de escrita do plano museológico foi realizado o diagnóstico e planejamento estratégico dos seguintes programas:

⁴⁸ Análise SWOT ou FOFA é uma etapa estratégica do plano museológico e consiste na análise de *Strengths* (Forças), *Weaknesses* (Fraquezas), *Opportunities* (Oportunidades) e *Threats* (Ameaças).

- Programa de Gestão Museológica (Gestão Administrativa e Financeira, Gestão de Pessoas, Arquitetura e Gestão Técnica);
- Programa de Gestão de Acervo;
- Programa de Exposições e Programação Cultural;
- Programa Educativo – Núcleo de Educação para a Diversidade;
- Programa de Comunicação e Desenvolvimento Institucional;
- Programa de Segurança;
- Programa Socioambiental.

O resultado, assim que estiver revisado e aprovado pela UPPM, será disponibilizado no site do museu para acesso de todos, garantindo a máxima transparência que a instituição merece.

Outra ação relevante no sentido da produção e conservação de memórias LGBTQIA+ compreende os esforços do Núcleo de Acervo na produção de publicações anuais que discutam a relevância dessas memórias, em um movimento contrário aos processos de apagamento das histórias dessa comunidade que sempre ocorreram ao longo dos anos. Já foram duas relevantes publicações concluídas nesse sentido. A primeira sobre acervos e referências de memória LGBTQIAP+,⁴⁹ e outra sobre museologia comunitária LGBTQIA+.⁵⁰

⁴⁹ VIEIRA, Leonardo (org.). Acervos e referências de memória LGBTQIAP+. Museu da Diversidade Sexual. São Paulo, 2023. Disponível em: <https://museudadiversidadesexual.org.br/>. Acesso em: 19 mar. 2024.

⁵⁰ BOITA, Tony; BAPTISTA, Jean (org.). *Museologia comunitária LGBTQIA+ e outros ensaios queer interseccionais*. São Paulo: Museu da Diversidade Sexual, 2023. Disponível em: <https://www.museudadiversidadesexual.org.br/documentacao/museologia-comunitaria-lgbtqia-e-outros-ensaios-queer-interseccionais>. Acesso em: 17 out. 2024.

Concepção do Núcleo de Exposições e Programação Cultural do MDS

Um dos pilares mais importantes na constituição do Museu da Diversidade Sexual está na programação cultural e nas exposições. Elas são pensadas e planejadas com o intuito de preservar o patrimônio social, político e cultural da comunidade LGBTQIA+ brasileira. Isso se dá por meio da pesquisa, salvaguarda e comunicação de referências materiais e imateriais, visando à valorização e visibilidade da diversidade sexual e buscando contribuir para a educação e promoção da cidadania plena, e para uma cultura embasada nos direitos humanos.⁵¹

Esse núcleo, para além de cumprir a função expositiva, que compreende a comunicação e a exibição de objetos – de seu acervo ou não –, se propõe ao desafio de se unir e dialogar com a diversidade de públicos que compõem as comunidades LGBTQIA+, estabelecendo-se no encontro, na escuta e no atendimento de suas demandas.

O programa de exposições do Museu da Diversidade Sexual

As exposições do MDS atualmente refletem a premissa que se estabelece no encontro, na escuta e no atendimento das demandas que competem às multiplicidades das comunidades LGBTQIA+. Em linhas gerais, seguem duas formas de exibição: virtuais, no site do museu, e físicas, que podem ser acessadas presencialmente e que seguem divididas entre aquelas que são montadas no espaço expositivo do museu e nas mostras itinerantes. O intuito dessas variadas formas de execução de projetos expositivos é atingir os mais diversos públicos, além de estarmos alinhados a demandas históricas, sociais e artísticas, como se pode constatar nos discursos apresentados nas exposições do MDS.

⁵¹ Esse intuito foi apresentado como sugestão de missão no Plano Museológico do Museu da Diversidade Sexual submetido à Secretaria de Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo e está sob aprovação.

Dessa forma, algumas das exposições mais recentes realizadas no MDS nos últimos dois anos foram *Quando as lésbicas se levantam: luta e resistência sapatão nos anos 80* e *Xirê das Yabás: a fertilidade do mundo*, ambas de 2023, além das mostras itinerantes realizadas ao longo desse mesmo ano, *Duo Drag* e *Nomes do amor*. As que se encontram atualmente em montagem no espaço expositivo do MDS⁵² são *Pajubá: a hora e a vez do close* e *Artes dissidentes: o céu que brilha no chão*. Já no espaço virtual do MDS podem ser acessadas as exposições: *Dando pinta no Brasil Colônia*, *Palomas* e *Sexualidades múltiplas: autobiografias indígenas*. Exposições que, para se ter uma melhor compreensão de sua proposta curatorial, cabem ser brevemente descritas a seguir.

As exposições no espaço do Museu da Diversidade Sexual

Pensada desde março de 2022, a exposição de média duração intitulada *Pajubá: a hora e a vez do close* teve a curadoria de Amara Moira e Marcelo Campos. Tanto Campos quanto Moira são curadores cuja experiência pessoal e profissional se integra à comunidade LGBTQIA+, além de serem atuantes no campo das artes literárias e visuais. A curadoria formada por Campos e Moira dividiu a exposição em três núcleos principais: histórias, lutas e cultura LGBTQIA+.

Segundo os curadores,

Pajubá é a palavra que dá nome a uma estratégia de deboche, dissimulação e proteção forjada pela comunidade LGBTQIA+, marcadamente, as travestis. Partindo das línguas africanas de origem bantu e iorubá, mas com contribuições importantes de outros idiomas e ressignificações de palavras do próprio português, toda uma essa linguagem foi se constituindo, possibilitando uma comunicação codificada para quem fizesse parte do meio.⁵³

Pajubá é, portanto, uma exposição que se constitui por meio de uma abordagem histórica, narrativa e artística feita por atores, fatos, datas e trabalhos de arte que se orientam nas lutas e conquistas das comunidades LGBTQIA+. Cabe destacar que Campos e Moira dedica-

⁵² Cenário até dezembro de 2023 da programação realizada no MDS.

⁵³ Os textos citados que fazem parte da exposição *Pajubá* são de autoria de Amara Moira e Marcelo Campos.

ram um dos núcleos da exposição a uma outra história do Brasil, a partir de uma perspectiva voltada a dissidências sexuais e de gênero. A tentativa da curadoria é demonstrar que, apesar de essas histórias e experiências sempre existirem, elas foram insistentemente silenciadas pelo projeto colonial brasileiro. Muitas vezes esses silenciamentos foram levados a cabo sob a justificativa de erradicação de sodomitas, submetendo a diversas perseguições e violências os antepassados da atual população LGBTQIA+. Mas, agora, essa população se faz presente nas atuais reivindicações de integrantes das siglas, como também se apresenta nos materiais, livros, documentos, textos e no conceito das obras exibidas em *Pajubá*. Entre elas, destaca-se a figura de Xica Manicongo, escravizada africana considerada predecessora das travestis. Tibira⁵⁴ é outra personagem importante que é retomada na exposição. Trata-se de uma pessoa indígena do Maranhão assassinada no início do século XVII e tida como a primeira vítima de LGBTQIA+fobia no Brasil. Violência que marca a história de Felipa de Sousa, que, sendo lésbica, foi condenada pela inquisição. Por fim, Maria Quitéria completa a lista. Heroína da Independência, ela subverteu os marcadores de gênero ao integrar o exército alistando-se como homem (cis). Todas as figuras acima citadas estão presentes na narrativa de *Pajubá*, mas também são retomadas como atores e atrizes fundamentais na construção da história e da identidade nacional brasileira pautadas nas dissidências de gêneros e sexual-efetivas.

Avizinhada à *Pajubá* está a exposição *Artes dissidentes: o céu que brilha no chão*, assinada por Dri Galuppo, curadore com atuação na fotografia, no vídeo e na pesquisa voltada às biografias imaginárias, memória, gênero. A vida e ocupação dos centros urbanos são o foco principal de sua pesquisa, e é nela que se baseia a exposição. O conjunto de trabalhos exibidos na exposição é o resultado de pesquisa realizada há mais de dez anos, conforme nos informa Galuppo em seu texto de apresentação da mostra.⁵⁵ São imagens, vídeos, cartazes, lambes, grafites e faixas produzidas por coletivos LGBTQIA+ com atuação artística no espaço público. A seleção de trabalhos bus-

⁵⁴ Nome atribuído pelo antropólogo e historiador Luiz Roberto de Barros Mott.

⁵⁵ Os textos de parede citados no artigo serão publicados em catálogo posteriormente.

cou se contrapor à histórica condicionante dos corpos dissidentes e de integrantes das comunidades LGBTQIA+ restritos à ocupação de espaços determinados normalmente noturnos, fechados, quase proibidos, sem a possibilidade de expressão para um público irrestrito. Assim, ao apresentá-los na rua, como informa Galuppo, se trata de uma aposta na relação com o outro, nos encontros que potencializam as lutas e a resistência, além da valorização de uma paisagem social mais diversa e de ocupação dos espaços públicos.

A reivindicação pela ocupação de espaços públicos também aparece na exposição que ficou em exibição no espaço da Av. São Luís até dezembro de 2023. A mostra *Quando as lésbicas se levantam: a luta e a resistência sapatão nos anos 80* contou com a curadoria de Daniela Wainer e Rita Quadros, ambas com forte atuação no movimento lésbico. Quadros, fundadora do Cine Sapatão, militou no segmento LGBTQIA+ desde o início dos anos 1990, quando participou da construção do Setorial LGBT do Partido dos Trabalhadores e da organização das três primeiras paradas do Orgulho Gay. Wainer é ativista do Gaavah, coletivo judaico-brasileiro LGBTQIA+. A exposição contou com o apoio de pesquisa e o empréstimo de itens históricos originais do Acervo Bajubá, do Arquivo Lésbico Brasileiro, do Museu Judaico e dos acervos pessoais de Marisa Fernandes e Rita Colaço. A exposição buscava celebrar os quarenta anos do levante do Ferro's bar ocorrido em 1983 e, ao mesmo tempo, ampliar as narrativas e a multiplicidade de formas de resistência e sociabilidade lésbica, bem como abordar a organização e politização do movimento nos anos 1980, com destaque para atuação da ativista Rosely Roth. A partir de fotografias, documentos, cartazes, jornais, vídeos, dentre outros materiais, a mostra se orientava por um desejo de corromper as mais variadas formas de apagamento e a invisibilidade que acometem a condição lésbica dentro e fora das comunidades LGBTQIA+.

O ano de 2023 finalizou com a exposição *Xirê da Yabás: a fertilidade do mundo*, em exibição no espaço da Avenida São Luís, cuja abertura se deu na segunda quinzena de dezembro. A data de início do evento levou em conta o período de celebração das Yabás, entidades femininas das religiões de matriz africana, às quais a exposição se dedicava. Com a curadoria assinada pela multiartista pernambucana A TRANSÄLIEN e por Khadyg Fares, pesquisadora

da instituição à época, a exposição era dividida em núcleos, cada um deles representando os quatro elementos da natureza. Sendo o “ar” dedicado à fotógrafa de terreiro não binária, Adelayá OjúBará; a “terra”, à artista, mãe e sapatão, Ani Ganzala; a “água” ficou com a artista lésbica May Agontinmé; e, por fim, o “fogo” foi destinado às fotos e instalação dedicada à Maria Mulambo da multiartista candomblecista e travesti Leañ. As obras apresentadas exploravam as possibilidades da mulheridade a partir da estética e da simbologia das Yabás com obras em diferentes suportes, como a fotografia, a pintura, a escultura e os meios audiovisuais.

Exposições itinerantes do Museu da Diversidade Sexual

Conforme mencionado anteriormente, o MDS se posiciona no sentido de atingir os mais variados públicos, incluindo aqueles que estão geograficamente distantes do território do museu. As montagens das exposições *Nomes do amor* e *Duo Drag*, exibidas ao longo do ano de 2023, reafirmam nossas ações de acesso, comunicação e formação de público a partir de temáticas relevantes para a população LGBTQIA+. Como na exposição *Nomes do amor*, construída a partir de uma série fotográfica da artista visual, pesquisadora e curadora independente Simone Rodrigues, que enfatiza as propostas coletivas e inclusivas desde os anos 1990, organizando exposições, mostras audiovisuais, cursos e oficinas de arte e fotografia. Rodrigues investiga a fotografia como linguagem, na convergência entre arte, documento e hibridização dos meios, interessando-se, particularmente, pelas questões de identidade, gênero, corpo e memória. Em *Nomes do amor*, um trabalho que vem sendo realizado desde 2014, Rodrigues registrou, por meio de uma abordagem documental, casais e famílias LGBTQIA+ que lutam por respeito e naturalização social de todas as formas de afeto. A partir da abordagem documental de casais reais, a exposição apresenta a pluralidade das famílias homoafetivas brasileiras, ainda pouco conhecidas e reconhecidas socialmente. Outro embate da exposição é contornar os ataques de posicionamentos conservadores ainda presentes na sociedade, como se pode observar nos atuais movimentos que pretendem a revogação da lei que

permite o casamento homoafetivo.⁵⁶ A grandeza e importância social das imagens de Rodrigues atendem as demandas das comunidades LGBTQIA+ que lutam por igualdade de direitos, e se fazem ecoar nos três espaços em que a exposição *Nomes do amor* esteve: ela ficou aberta à visita de 16 de janeiro a 3 de março de 2023 no Casarão da Cultura, localizado na cidade de São Pedro, no interior de São Paulo; entre 10 de abril e 2 de julho foi transferida para o Centro de Cidadania LGBTI Claudia Wonder e finalizou a itinerância ocupando, entre os dias 26 de julho e 26 de agosto, o Térreo Santos (Lobby) do Banco Citi, localizado na Avenida Paulista. Os dois últimos espaços ficam na capital de São Paulo.

A segunda exposição que esteve em itinerância ao longo do ano de 2023 foi a *Duo Drag*. Nela estavam reunidas fotografias de cinquenta *drag queens* realizadas por Paulo Vitale, fotógrafo formado pela International Center of Photography de Nova York. Ele já percorreu mais de cinquenta países fazendo trabalhos editoriais, publicitários e autorais, com destaque para sua atuação no campo do jornalismo e dos estudos fotográficos. Entre esses se destaca o trabalho “Drags”, no qual Vitale havia realizado um estudo sobre as questões de gênero e as práticas de *drag queens*. Este trabalho se desdobrou na exposição *Duo Drag*, que apresentou artistas iniciantes na carreira, personagens históricas e ativistas desse movimento na cena paulistana desde a década de 1980, como Silvetty Montilla, Marcia Pantera, Kaká Di Polly, Miss Judy Rainbow e Lysa Bombom. As fotografias integraram ainda um livro que foi lançado na abertura da mostra, quando ela foi finalmente aberta ao público, em setembro de 2022, em razão do fechamento do museu em maio daquele mesmo ano. A mostra ganhou outros públicos em 2023, quando esteve de março a junho na Casa de Cultura Marielle Franco/ Museu de Arte Osório César, localizado no município de Franco da Rocha em São Paulo, e na Galeria Angela Bonfante, localizada em São João da Boa Vista, São Paulo, entre os dias 17 e 31 de julho.

⁵⁶ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/comissao-da-camara-aprova-projeto-de-lei-que-proibe-casamento-homoafetivo/>. Acesso em: 19 mar. 2024.

Exposições virtuais do Museu da Diversidade Sexual

Nesse interesse por ampliar as discussões em torno dos movimentos e das comunidades LGBTQIA+, o MDS estabeleceu uma parceria com o Google Arts & Culture, um espaço para exposições *online*. Trata-se de uma plataforma virtual que trabalha atualmente em colaboração com mais de 1.200 museus, galerias, fundações e associações, cujo objetivo é compartilhar e democratizar o acesso à cultura, bem como promover a preservação de seus bens para as próximas gerações.⁵⁷ Essa proposta vai ao encontro dos pressupostos institucionais aos quais se alinha o MDS, que, por meio do espaço virtual, amplia o alcance de suas pesquisas por intermédio da comunicação e dos acessos públicos

Com a curadoria de Amara Moira, que também assina o projeto de média duração do MDS, encontram-se em exibição *online* *Pajubá: a hora e a vez do close* e a exposição *Dando pinta no Brasil Colônia*. Esta segunda abre com a seguinte frase “Aqui celebra-se a coragem de quem, lá atrás, mesmo diante da perseguição inquisitorial e portuguesa, foi inventando brechas para poder existir”. Trata-se de um conjunto de documentos selecionados e comentados por Moira relativos às práticas dissidentes, que, segundo a curadora, se destacam pelo uso do vocabulário e da construção de narrativas coloniais que visavam a perseguição inquisitorial e o extermínio de pessoas com práticas de gênero e sexual-afetivas diversas. Moira retoma nessa pesquisa documentos que sobreviveram e que relatam os aspectos violentos e LGBTfóbicos da modernidade, mas que contraditoriamente trazem à tona personagens importantes para construção da história LGBTQIA+ e composição das identidades nacionais. Entre estas, se destaca a figura de Tibira, que, segundo a curadora, é:

Um dos casos mais tristes da história colonial: uma indígena foi amarrada à boca de um canhão e fizeram um disparo, partindo seu corpo ao meio. A pessoa não é nomeada e seu crime não foi explicitado, mas pelo discurso de Karuatapiran, chefe indígena que pediu aos franceses para efetuar o

⁵⁷ GOOGLE ARTS AND CULTURE: plataforma tecnológica torna a arte mais acessível aos usuários. Disponível em: <https://via.ufsc.br/google-arts-culture/>. Acesso em: 19 out. 2023.

disparo, tem relação com subversão dos padrões de gênero e sexualidade. A história foi resgatada por Luiz Mott, que a tratou como a primeira morte por LGBTfobia no Brasil e propôs um nome à vítima, Tibira.⁵⁸

Outra importante personagem dessa história retomada por Moira que rompia com as normas e regras da cisgeneridade é Xica Manicongo, rememorada e reconhecida pela comunidade LGBTQIA+ como a primeira travesti de que se tem registro na história brasileira.

Mesmo entre escravizadas, havia quem desafiasse as regras impostas pela moral colonizadora, às vezes até colocando em questão a rigidez dos gêneros. No documento de 1591, temos a denúncia sobre aquela que se considera a primeira travesti da história do Brasil: Xica Manicongo. No documento ela aparece com o nome dado pelos escravizadores, mas, após o resgate da sua história pelo pesquisador Luiz Mott, ela foi renomeada Xica Manicongo por Marjorie Marchi, liderança histórica do movimento trans.⁵⁹

Cabe lembrar que a luta pela memória e pelo reconhecimento da figura de Manicongo é longa e se mantém em processo, se estendendo inclusive ao campo legislativo. Em 2022,⁶⁰ a vereadora Erika Hilton (PSOL), primeira mulher trans a ocupar uma cadeira no legislativo municipal, apresentou um projeto que previa a nomeação de uma rua ainda inominada, localizada entre as vias Rodrigues e Rua Um, no Distrito do Grajaú, como Rua Xica Manicongo – o projeto teve êxito e foi aprovado em junho daquele ano.⁶¹

As vivências travestis são centrais na exposição virtual *Palomas*, que reuniu um conjunto de fotografias de Dan Agostini e os textos de Uma Reis Sorrequia. A mostra se apropria da palavra

⁵⁸ MUSEU DA DIVERSIDADE SEXUAL. *Dando pinta no Brasil Colônia*. Google Arts and Culture, 2023. Textos de Amara Moira. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/story/ywXxy-jvg4sUpq>. Acesso em: 20 out. 2023.

⁵⁹ *Ibidem*.

⁶⁰ CÂMARA de SP aprova projeto para que rua na Zona Sul ganhe o nome de Xica Manicongo, 1ª travesti do Brasil. *G1 SP*, 8 jun. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/06/08/camara-de-sp-aprova-projeto-para-que-rua-na-zona-sul-ganhe-o-nome-de-xica-manicongo-1a-travesti-do-brasil.ghtml>. Acesso em: 20 out. 2023.

⁶¹ SÃO PAULO. *Projeto de lei nº 566/21, de 7 de junho de 2022*. São Paulo: Câmara Municipal, 2022. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/iah/fulltext/carta/CPL0566-2021.pdf>. Acesso em: 20 out. 2023.

“Paloma”, cuja origem é espanhola e significa literalmente pomba, um símbolo de liberdade e paz bastante conhecido, e que também foi adotado como nome por uma das travestis retratadas nas imagens. O conjunto de fotografias, segundo a curadora, buscou: “Sob as lentes atentas de Dan Agostini, [ser] capaz de esmiuçar suas realidades cotidianas entre as dores da violência transodiante e os sonhos já sonhados outrora por todas aquelas que se foram”.⁶² São apresentadas cenas simples e cotidianas de corpos que buscam que suas vidas sejam respeitadas e valorizadas no país que mais mata travestis no mundo⁶³.

Entre as exposições virtuais publicadas na página do MDS no Google Arts and Culture, destaca-se também *Sexualidades múltiplas: autobiografias indígenas*. Com curadoria de Tipuici Manoki, esse projeto foi pensado a partir do Bicentenário da Independência, no intuito de apresentar narrativas indígenas sobre a diversidade sexual. Manoki reuniu um material diverso na composição da narrativa da mostra, como, por exemplo, notas e imagens do discurso na plenária nacional dos indígenas LGBTQIA+, realizada no 18º Acampamento Terra Livre, realizado em abril de 2022. Com o tema “Colorindo a luta em defesa do território”, foi a primeira vez que indígenas LGBTQIA+ trouxeram ao evento a discussão sobre suas pautas, que incluíam a reivindicação por inclusão e reconhecimento por parte das comunidades indígenas. A discussão foi questionada por jovens indígenas evangélicos que estavam no evento, abordagem esta que, para Manoki, reflete “os resquícios de práticas religiosas que foram introduzidas dentro das comunidades indígenas durante todo esse período colonial”.⁶⁴ Além dos eventos políticos, a curadoria incluiu imagens de “Canto” e breve

⁶² MUSEU DA DIVERSIDADE SEXUAL. *Palomas: as travestis como Palomas desejam voar livres e em paz*. Google Arts and Culture, 2023. Textos de Uma Reis Sorrequia. Disponível em: https://artsandculture.google.com/story/_gWBgxWZw8FzvA. Acesso em: 20 out. 2023.

⁶³ AGÊNCIA BRASIL. *Brasil é o país que mais mata transexuais no mundo*. Repórter da *Rádio Nacional*, São Luís, 27 jan. 2023. Publicado por Madson Euler. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/direitos-humanos/audio/2023-01/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-transexuais-no-mundo#:~:text=Em%20relat%C3%B3rio%20divulgado%20pela%20Antra,assassinados%20no%20pa%C3%ADs%20em%202022>. Acesso em: 20 maio 2024.

⁶⁴ MUSEU DA DIVERSIDADE SEXUAL. *Sexualidades múltiplas: autobiografias indígenas*. Google Arts and Culture, 2023. Textos de Tipuici Manoki. Disponível em: https://artsandculture.google.com/story/_AVRAZL8laFZiA. Acesso em: 20 out. 2023.

relato sobre o artista Aislan Pankararu, que se utiliza de elementos pictóricos tradicionais da pintura corporal de seu povo para elaborar obras que expressam a memória e o contato com sua ancestralidade. Outra figura citada na exposição é Majur Traitowu, mulher trans, indígena e cacique de sua comunidade. É a primeira liderança LGBTQIA+ do povo Boe-Bororo e ela se dedica ao aprendizado e salvaguarda das formas artísticas de seu povo, como seus ornamentos e as performances dos poéticos lamentos rituais. Segundo Manoki, Majur tornou-se cacique da aldeia Apido Paru em razão de sua capacidade de transformação de recursos do mundo não indígena em benefícios coletivos, o que auxiliou seu povo no combate à insegurança alimentar em sua comunidade. A exposição fecha com o curta *Pinjawuli: o veneno me alcançou*, um documentário-ficção dirigido por Bih Kezo, baseado em um sonho do diretor que se apoia na cosmovisão dos povos Manoki e Myky. A obra aborda o pedido de ajuda de seres não humanos aos indígenas e, ao longo do filme, vemos a perseguição de um avião que, ao sobrevoar as aldeias, despeja agrotóxicos envenenados na terra e nas lavouras – uma cena comum na aldeia Paredão, em Brasnorte (MT), conforme descreve Manoki.

Por fim, cabe analisar que *Dando pinta no Brasil Colônia*, *Palomas* e *Sexualidades múltiplas: autobiografias indígenas*, apesar de serem projetos pensados por pessoas e pesquisas diferentes, são propostas que se organizam individualmente, mas que podem ser pensadas em conjunto a fim de potencializar seus discursos, possibilitados por seus entrelaçamentos internos.

As três exposições exibidas *online* nas plataformas do MDS sintetizam a vontade do museu de estar atento e alinhado às pautas latentes e atuais produzidas por pesquisadores e curadores LGBTQIA+.

A programação cultural do Museu da Diversidade Sexual

Além das exposições, outro braço importante do Núcleo Exposição e Programação são as atividades culturais, que expressam o desejo de ampliar os espaços de atuação do MDS, fazendo-se presente, por exemplo, nos territórios forjados pelas pessoas LGBTQIA+ e suas redes de aliados. As ações buscam potencializar os discursos

do museu, valorizando o calendário de datas afirmativas e comemorativas, e ainda estar alinhado às produções dessas comunidades. Uma dessas datas é o 25 de maio, quando o MDS celebrou os onze anos de sua história. Nesse dia, parte da Praça Dom José Gaspar, na República, foi ocupada com apresentação circense, música e pipoca, oferecendo uma atividade totalmente aberta ao público passante da região.

Em colaboração com a Coordenação de Políticas para a Diversidade Sexual, segmento da Secretaria da Justiça e Cidadania do Estado de São Paulo, o MDS participou da 22ª Feira Cultural da Diversidade LGBTQ+ de São Paulo no dia 8 de junho, no Memorial da América Latina. Apesar de ter sido uma atividade que envolveu os diversos núcleos de museologia, educação e o centro de empreendedorismo do equipamento, o Núcleo de Exposições e Programação Cultural encabeçou a organização de uma Jam de Vogue com integrantes da Casa de Candaces. Foi um evento aberto ao público da feira, no interesse de ampliar o conhecimento sobre as comunidades Ballroom, que, apesar de criado nos subúrbios de Nova Iorque/EUA, tornou-se um movimento político, de entretenimento e pertencimento das comunidades LGBTQIA+. O espetáculo incorpora e amplia as vozes de corpos marginalizados por meio de *performances* de dança e do famoso vogue, hoje incorporado à cultura pop.

Outra ação do núcleo que buscava se contrapor às lógicas de marginalização e ampliar a visibilidade de corpos minorizados foi a *Amistosa*.⁶⁵ Em consonância com a Copa do Mundo Feminina, organizada pela Federação Internacional de Futebol (Fifa), que teve seu início somente 61 anos após a Copa do Mundo [masculina], o MDS realizou a *Amistosa*, que consistiu numa partida de futebol de várzea entre os times Perifeminas e Grêmio Esperança, times que veem no futebol uma forma de atuação em seu território. Fundado por quatro irmãs em 2014, o Perifeminas busca no futebol um caminho para a educação de qualidade, a igualdade de gênero e a redução das desigualdades. Além de ser um meio de acolhimento para as mulheres cis, trans e pessoas não binárias, a iniciativa estimula

⁶⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GwnvI2aKi6w>. Acesso em: 20 nov. 2024.

o surgimento de novas atletas e utiliza a literatura como referência para escritoras e jogadoras de futebol. O Grêmio Esperança, fundado por Lucélia Leal, mais conhecida como Neguinha, foi criado com a intenção de contribuir com a realização pessoal e/ou profissional de meninas e mulheres. A partida contou com a locução de Chris Lima e da veterana do futebol feminino brasileiro Roseli de Belo. A ação foi finalizada com um bate-papo sobre as vivências e experiências das jogadoras e comentaristas sobre gênero, sexualidade e futebol.

O MDS voltou a ocupar a Praça Dom Gaspar e a Rua Bráulio Gomes no dia do Orgulho Lésbico. A data de 19 de agosto de 2023 marcava os quarenta anos do Levante do Ferro's Bar, ocorrido em 1983, e foi acompanhada da abertura da exposição *Quando as lésbicas se levantam: luta e resistência sapatão nos anos 80* e do espaço do Centro de Referência na Avenida São Luiz, 120. Para essa ação, o MDS, em parceria com o Museu Judaico, o Cine Sapatão, o Arquivo Lésbico Brasileiro e o Sesc 24 de Maio, organizou uma celebração com ocupação de rua. “Orgulho Lésbico – 40 anos do Levante do Ferro's Bar” contou com um palco montado na Rua Bráulio Gomes e uma programação que durou o dia todo, embalada pela DJ Evelyn Cristina. Houve ainda a conversa “Ser lésbica nos anos 80”, com as veteranas Neuza Nascimento e Marisa Fernandes, mediada por Rita Quadros. O evento promoveu também um sarau com a presença das poetisas Formigão, Ingrid Martins, Jéssica Campos, Joana Côrtes e Marice Machado, e das cantoras Lili Black e Yara Nantes. O dia foi finalizado com uma *performance* artística “Corpo Levante!”, iniciado na praça, caminhando até a exposição no novo espaço do Museu da Diversidade Sexual e encerrado com o Quintal de Iaiá. Essa atividade uniu os dois braços do núcleo e refletia o interesse do museu em dialogar com as histórias daquelas que sempre sofreram com a invisibilidade e a desvalorização de seus afetos e lutas dentro e fora da comunidade. O MDS busca valorizar o movimento de resistência e existência das mulheres lésbicas. Em síntese, tanto a exposição quanto a ocupação de rua são resultado de um desejo do MDS de estar presente junto aos locais e lutas construídas pelas comunidades LGBTQIA+.

Por fim e não menos importante, no mês da Consciência Negra, o museu promoveu o que deve ser a primeira de uma série de rodas

de entrevistas realizada com pessoas trans, por pessoas trans. A primeira edição de *Joga no Ilê* foi com o rapper Winnit, que foi entrevistado por DJ Joseph – Transmasculino do Guetto, Uila Garcia e Daniel Veiga com mediação de Nathiaga Borges. A iniciativa, única até então, trouxe uma conversa imprescindível para as discussões de representatividade de corpos trans e suas múltiplas diversidades.⁶⁶

Concepção do Núcleo Educativo

Desde a sua origem, o Programa Educativo sempre teve um papel importantíssimo no Museu da Diversidade Sexual, seja como fomentador do museu como um espaço de acolhimento das comunidades, seja como núcleo produtor de conteúdos de combate à LGBTfobia e de construção de ferramentas de apoio a professores, tais como palestras e seminários.⁶⁷ Não são poucos os relatos de pessoas da comunidade que encontraram no museu um ambiente de suporte e acolhimento nos momentos de descobrimento e compreensão de suas dissidências.

Atualmente, o núcleo se esmera em potencializar esse espaço e a relação entre o museu e sua comunidade nos distintos projetos em que atua de forma complementar, desde as atividades de visitas guiadas juntos aos públicos até programas voltados especificamente para a realidade do território e das comunidades LGBTQIA+. De forma geral, são três programas diferentes: “Museu e escola”, “Museu sem muros” e “Chega junto”.

O primeiro é responsável pelas ações de formação junto às escolas, seja recebendo esses grupos escolares no museu, seja indo até as escolas para discutir temas que ainda são observados mais frequentemente quando se trata da comunidade LGBTQIA+. Violência, *bullying*, evasão escolar são uma realidade comprovada estatisticamente dentro da comunidade, e o Núcleo Educativo atua diretamente no enfrentamento dessas questões em diversos modelos – seja elabo-

⁶⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eh0hKYEJOYg&t=307s>. Acesso em: 20 nov. 2024.

⁶⁷ Exemplo é a palestra “Educação artística e diversidade sexual”, realizada com o professor Richard Huerta, da Universidad de València, em agosto de 2015.

rando cartilhas e publicações que apresentam questões sobre direitos humanos, diversidade sexual e de gênero, seja na construção de suas atividades educativas, sempre norteadas por construções de saberes e memórias que resultem em um processo de autoconsciência por parte dos diversos públicos que as frequentam.

O programa “Museu sem muros” proporciona diversas ações voltadas em especial para o território do Arouche e da República, mas não se restringe a eles. Mensalmente, são realizadas atividades de deriva pelo território, as quais sempre são imbuídas de referências históricas que buscam trazer menções de lugares e personalidades LGBTQIA+, uma forma de pontuar esse patrimônio histórico da comunidade. Para além dos “Rolezinhos”, o programa também realiza o “Café com vizinhos”, encontros com os moradores e trabalhadores da região, visando promover a democracia cultural, o pertencimento e a apropriação do museu, de suas exposições e programas, a partir da troca coletiva de saberes, práticas e potencialidades do território.

Tal busca começa com a implementação de uma agenda de encontros que, como todo início de um novo projeto, demanda um engajamento junto à sua comunidade. Com o fechamento do museu para as obras de ampliação, os encontros passaram a ser realizados em espaços de entidades parceiras que já realizam trabalhos dentro do território – entre elas, a EMEI Armando de Arruda Pereira, a Unidade Nacional da Aids Healthcare Foundation (AHF-Brasil) e o Sebrae. O período foi importante para reforçar as parcerias com representatividades do território. Entretanto, o programa certamente ganhará muito com as novas possibilidades conquistadas para que o “Café” ocorra no espaço da Avenida São Luís ou mesmo na unidade da República, agora que as obras se aproximam do final.

O programa “Chega junto” é voltado para a sensibilização de públicos dissidentes, visando seu acolhimento e o das diversas configurações de família pertencentes à comunidade LGBTQIA+. Neste sentido, o programa busca ações que estimulem a comunidade de forma geral a frequentarem o museu – algumas pela primeira vez. São exemplos deste programa as atividades de acolhimento a famílias plurais, os programas alternativos de domingo (como a exibi-

ção de filmes, rodas de conversa e oficinas de criação), além de outras atividades que incentivem e apurem um olhar amplo sobre a cultura LGBTQIA+ por sua própria comunidade.

O edital incluía as atividades educativas obrigatórias dos museus, mas previa um desafio para além da tríade museológica conhecida de todos nós. Foi com a incumbência de criarmos um Centro de Empreendedorismo LGBTQIA+ que nos dedicamos a buscar entender uma das ferramentas que hoje representa uma significativa ponte entre o museu, sua comunidade e o mercado de trabalho, em especial, o da cultura.

O centro desenvolve estratégias de formação em duas lógicas distintas: a primeira voltada a possibilitar a formação e a especialização dos agentes da comunidade que carrega um doloroso histórico de evasão e marginalização de seus corpos nas escolas de ensino tradicional. A segunda é a formação dos públicos que, imersos nas referências de uma sociedade cis-heteronormativa, acabam por desconhecer como atuar em conjunto e acolher esta comunidade dentro de seus espaços. Sendo assim, além de oferecer cursos voltados para a capacitação profissional de pessoas LGBTQIA+, também atua na formação de agentes que vão desde seus colaboradores, até educadores e agentes da comunidade escolar, profissionais da cultura e do turismo, bem como colaboradores de empresas que buscam implementar políticas reais de diversidade em suas estruturas.

Conclusão

O Museu da Diversidade Sexual é um equipamento de caráter ímpar e de extrema importância no contexto museológico, em especial em um cenário nacional formado por instituições que em sua grande maioria reforçam os estereótipos das classes dominantes cis-heteronormativas. Reforçar ao máximo essa instituição e galgar para que ela seja cada vez mais democrática e comunitária é dever da sociedade de forma geral, mas é preponderante a responsabilidade dos gestores perante a comunidade LGBTQIA+. Não há espaços para disputas que coloquem em xeque sua existência ou relativizem seu local de residência e atuação em prol de suas

comunidades mais vulneráveis. O museu é um lugar de todos e não há espaço para autodenominação de representatividades na construção dessa memória e cultura LGBT. É preciso que se tenha consciência de que o MDS é e deve continuar sendo um museu participativo, colaborativo, democrático, vivo e pulsante.

O trabalho apresentado ao longo de sua existência sempre se mostrou sério e guiado por intenções democráticas e humanitárias. Mas há de se pontuar que o impacto resultante de suas últimas mudanças, físicas e estruturais com a ampliação de seus espaços - seja ainda pelos ajustes de seus processos e gestão de sua informação, ou pela ampliação e democratização de sua postura decolonizante -, vêm não somente potencializando o MDS como instituição dentro do cenário museológico, como também o aproximando de sua comunidade e seu território de forma potente, mesmo que embrionária em função de suas instalações estarem ainda fechadas até o presente momento.

Ao voltar-se para sua comunidade mais vulnerável, o museu se torna ainda mais rico, único e necessário. E é importante que seus gestores estejam sempre atentos a identificar como - além de ser um espaço de identificação para todas as pessoas LGBTQIA+ - atrair em especial um público de pessoas trans, negras, analfabetas, em situação de prostituição e que por anos foram invisibilizadas e violentadas. Como minimizar as barreiras que uma instituição museológica representa a ponto de se tornar convidativa para esse público é ainda um grande desafio para seus colaboradores e gestores. Mas é possível verificar o quanto os esforços estão voltados para esse fim e é imprescindível que assim o seja.

Trabalhar a construção da memória e ancestralidade LGBTQIA+ de forma coletiva é o ponto fundante dessa trajetória. O acervo do museu é seu maior patrimônio e não deve ser menosprezado, dissociado e privatizado por quem quer que seja - pelo contrário, deve ser uma construção democrática diária, coletiva e responsável, como vêm sendo feita. Da mesma forma, para que as atuais melhorias sejam mantidas e ampliadas continuamente e a contento, é preciso que os processos museológicos e sua documentação institucional, como seu plano museológico, atendam às normativas existentes de

forma a garantir que o museu se mantenha atuante na preservação das memórias LGBTQIA+ hoje e para gerações futuras. Sendo assim, seu acervo, suas exposições e todas as atividades direcionadas para seus públicos devem refletir a amplitude de sua sigla sem que sejam priorizados determinados perfis. Lembrando que isso passa obrigatoriamente por uma reparação das narrativas apresentadas até então, de forma quase unânime pelos museus em geral, e mesmo museus identitários como o MDS não podem se isentar desta situação de alerta. E isso só pode ser conquistado na medida em que ocorram pesquisas e processos de escuta constantes quanto às mudanças e transformações em nossas representatividades.

Diante das questões aqui levantadas, é preciso a execução de uma cadeia operatória museológica em consonância com os anseios da sociedade, e isso só é possível se, além de realizar processos de escuta do público externo, houver representatividade dessas comunidades – pensadas de forma interseccional – na composição das equipes do museu. É preciso que museus deixem de ser espaços que “falem por” ou que “dão voz a” para se tornarem espaços em que as comunidades possam construir elas mesmas suas próprias narrativas e memórias.

Nesse sentido, o MDS vem carregando o ônus e o bônus de ser e atuar como um museu dissidente e comunitário. Ao mesmo tempo em que passa por ataques e mudanças sucessivos e precisa constantemente se reconstruir a partir das discussões orgânicas postas pela comunidade, é um espaço onde é possível acompanhar diariamente os resultados e a importância de sua atuação. A partir do momento em que o visitante adentra em seus espaços ou participa das atividades, ele é tomado por um sentimento de pertencimento. E isso, mais do que o combustível que nos move, é algo de extrema importância que deve ser mantido para a sociedade como um todo.

Marisa Bueno e Souza | Diretora de equipamento do Museu da Diversidade Sexual até dezembro de 2023, é doutoranda pelo programa de Sociomuseologia da Universidade Lusófona de Lisboa e mestre em Museologia pelo Programa de Pós-Graduação em Museologia da USP. Graduada também em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (USP), trabalhou em diversos museus e instituições culturais, como o Museu de Arte do Rio, o Teatro Municipal de São Paulo, o Centro Cultural São Paulo, a Pinacoteca de São Paulo, o Museu do Amanhã e o Museu do Futebol. <https://orcid.org/0009-0007-1025-5647> | Email: buenombs@gmail.com.

Leila Cristina Antero Cordeiro | Licenciada em Artes pelo Centro Universitário Metropolitano de São Paulo, técnica em Museologia pelo Centro Paula Souza e mestre em Museologia pelo Programa de Pós-Graduação em Museologia da USP. Atuou em instituições como o Museu da Cidade de São Paulo, o Museu Afro Brasil Emanuel Araújo, o Museu da Inclusão e o Museu da Diversidade Sexual. <https://orcid.org/0009-0000-3007-4789> | Email: leila_antero@alumni.usp.br.

Khadyg Leite Fares Cavalheiro | Pesquisadora e curadora independente, graduada em História da Arte pela Universidade Federal de São Paulo, na qual é mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da Arte. Foi pesquisadora do Museu da Diversidade Sexual e integrou o Setor de Pesquisa e Curadoria da Pinacoteca de São Paulo e o Núcleo de Pesquisa do Arquivo Histórico Wanda Svevo da Fundação Bienal de São Paulo. <https://orcid.org/0000-0002-7258-7782> | E-mail: khadyg.ars@gmail.com.

<< Voltar ao início